

ODD AIR

JOZINE





MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Paracer Nº 2934/73

Título: EM QUALQUER LUGAR

Autor: Odair José

Classificação Etária: ---NÃO LIBERAÇÃO

Espécie: Letra musical Com cortes: --

Boa Qualidade: - Livre P/Exportação: -

Dublado: -- Legendado: --

Vedada a Exploração Comercial: Sim

Cenas: ---

Época: Atual Gênero: --

Linguagem: Licenciosa, manifestando prática sexual.

Tema: Prática sexual em qualquer lugar.

Personagem: --

Mensagem: Negativa.

Enredo: Ao dirigir-se à pessoa amada, personagem dispõe-se à prática sexual, em quaisquer condições, a fim de agradar ao outro.

1 - Cortes:

2 - Conclusão: Considerando a natureza desta comunicação, opino pela sua não liberação, invocando o Decreto nº 20.493/46, art. 41, letra a.

Brasília, 10 de maio de 1973.


DALMO PAIXÃO

DPF-507

QUEM É ESSE RAPAZ?

por Márcio Sno

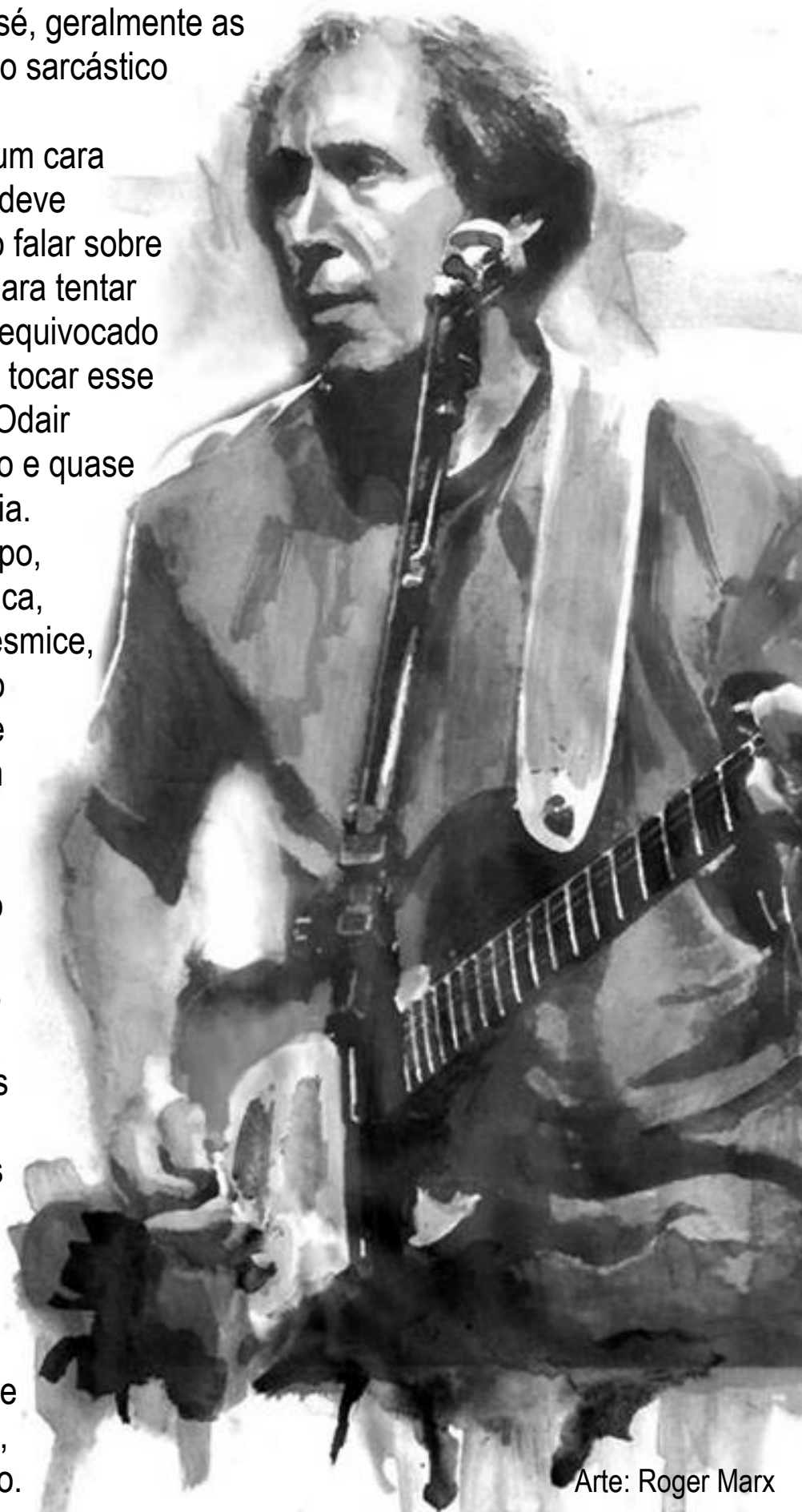
Ele já recebeu vários rótulos: “o terror das empregadas”, “brega”, “o cantor da pílula”, “o cantor das putas”, “Bob Dylan brasileiro” e por aí vai. Quando eu dizia que ia lançar um fanzine sobre o Odair José, geralmente as pessoas davam um sorrizinho sarcástico seguido de um “é mesmo?”

Talvez pensassem: “nossa, um cara influente no meio dos zines, deve estar ficando louco querendo falar sobre esse cantor”... Justamente para tentar mudar um pouco esse olhar equivocado sobre esse artista que decidi tocar esse projeto adiante: mostrar um Odair pouco conhecido pelo público e quase nunca apresentado pela mídia.

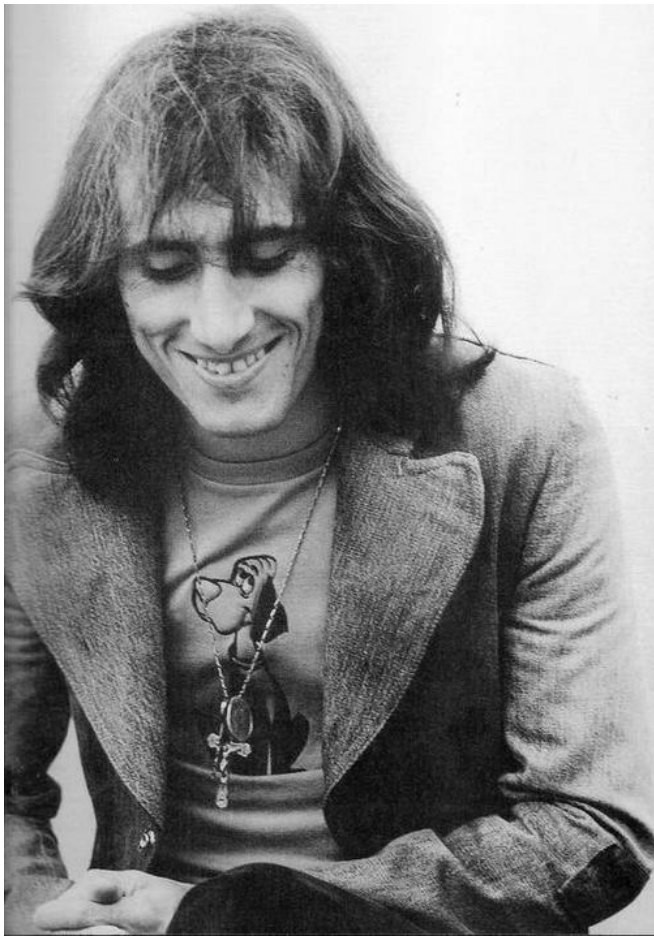
Um cara à frente de seu tempo, comprometido com sua música, com suas letras, contra a mesmice, o abuso de poder, o discurso hipócrita, enfim, um cara que coloca o dedo na ferida, sem medo de retaliações ou que isso venha “sujar a sua imagem”. Só isso já é motivo para uma publicação.

E foi que eu fiz: juntei alguns amigos e resolvemos contar, nós mesmos, um pouco mais sobre esse que é um dos artistas mais inteligentes e incompreendidos da história da música popular brasileira.

Espero que depois dessa leitura, se ouça Odair José de uma forma diferente, ou seja, como sempre deveria ter sido.



Arte: Roger Marx



ASSIM SOU EU...

uma breve biografia de Odair José

por Renato Donisete Pinto

Odair José de Araújo é filho de Conceição José de Araújo e Antonia das Dores de Araújo. Nasceu em Morrinhos, Goiás, em 16 de agosto de 1948.

No final de 1966 já estava no Rio de Janeiro para batalhar a carreira artística e tentar gravar seu disco. Foram tempos difíceis, fazendo apresentações em boates e circos, perambulando pelas ruas do centro da cidade.

Destas andanças teve dois encontros que foram fundamentais para sua carreira. O primeiro foi com o compositor Ataulfo Alves que simpatizou com sua figura e o alojou num pequeno apartamento de sua propriedade. Outro foi com o produtor e compositor Rossini Pinto, que o levou para CBS e produziu seus primeiros álbuns. Rossini produziu em 1969 o primeiro compacto do cantor, com a música “Uma lágrima”. Depois participou da coletânea *As 14 Mais* com a faixa “Minhas coisas”. Desta forma,

ficou conhecido e gravou finalmente seu primeiro LP, *Odair José*, em 1970. No ano seguinte lançou *Meu Grande Amor*. Estes dois LPs tinham o som e a estética da Jovem Guarda como referência.

Depois destes discos pela CBS e conhecido no Brasil, Odair foi para a Polydor, selo da Philips. A sua única exigência contratual era ter total liberdade artística. Lá emplacou inúmeros sucessos, tais como “Esta noite você vai ter que ser minha” e “Assim sou eu...” em 1972; “Deixe essa vergonha de lado”, o seu maior sucesso “Uma vida só (pare de tomar a pílula)” e “Revista proibida” em 1973; “A noite mais linda do mundo (a felicidade)” em 1974.

Na Polydor o cantor vendeu muito: o LP *Assim Sou Eu* somou 200 mil cópias e o seguinte mais de 700 mil exemplares. Esta fase foi reeditada em CD pela Universal Music em 2013, no box *Quatro Tons de Odair José*, contendo os discos *Assim Sou Eu...* (1972), *Odair José* (1973), *Lembranças* (1974) e *Odair* (1975), reproduzindo fielmente as capas originais e os encartes, com o som remasterizado e contando com alguns bônus.

Nestes discos Odair já mostrava uma grande inspiração do rock, com uma pegada mais folk. Uma banda sensacional o acompanhava: José Roberto Beltrami (piano), Alex Malheiros (baixo) e Ivan “Mamão” Conti (bateria). Este trio logo após formaria o grupo Azymuth. O soulman Hyldon cuidava das guitarras e o maestro Luiz Claudio Ramos dos violões. Nesta trajetória o cantor/compositor teve muitos problemas com a censura, um deles foi ter que alterar o título e partes da letra da música “A primeira noite de um homem” para “Noite de desejos”, além de ter várias músicas proibidas de tocar nas rádios.

Os temas polêmicos – falavam de questões sociais, da empregada doméstica, da pílula anticoncepcional, de prostituição etc. – incomodavam a ditadura militar e consta que é o segundo autor mais censurado do Brasil, atrás apenas de Chico Buarque.

Neste período gravou em espanhol e também em alguns países “La pílula” foi proibida de ser executada.

Em 1977 gravou um álbum conceitual, a ópera rock *O Filho de José e Maria*. Este disco foi totalmente incompreendido na época pelos seus questionamentos religiosos e o cantor foi ameaçado a ser excomungado pela Igreja Católica. Sua popularidade caiu e a crítica o ignorou. Vale ressaltar que estamos falando de uma época dominada pelo regime militar e com grande influência dos setores da Igreja. Segundo Odair, este disco será reeditado em breve nos formatos CD e LP pela Sony Music.

Em 1978 gravou pela RCA *Coisas Simples*, um disco que já não teve tanta repercussão, mas os temas polêmicos ainda estavam presentes. A música “Forma de sentir (é proibido proibir)” abria uma discussão para liberdade amorosa

entre dois homens. Já a faixa “Agora sou livre (o divórcio)” tratava de separação legal, coisa incomum até aquela década. Odair foi casado com a cantora Diana durante o auge do seu sucesso, com quem tem uma filha, a Clarisse. Esta relação teve um final bastante conturbado e a separação foi inevitável. Resultado: foi registrado como o quarto divórcio do Brasil. Em 1986 a Polygram produziu uma coletânea com os sucessos dos dois chamada *Reencontro – Diana & Odair*. Reencontro só mesmo em disco.

Nas décadas seguintes continuou gravando seus discos com uma pegada mais romântica (*Viva e Deixe Viver, Só por Amor, Fome de Amor, Eu Você e o Sofá, Sem Saída, Luz Acesa*, entre outros) e com várias coletâneas reunindo seus grandes sucessos. Desta fase romântica das décadas de 1980/90 o cantor não inclui nenhuma música no set list nas atuais apresentações.

Na mudança de século as coisas foram se encaixando.

Em 2006 lançou o CD *Só Pode Ser Amor*, pela Deck Disc. Numa pegada mais roqueira e com letras românticas, emplacou o hit “Bebo e choro”. Das 12 músicas, Odair é autor de duas e mostra sua marca em “Pensão alimentícia”.

Um pouco antes deste CD, seu repertório foi revisitado por uma galera no tributo organizado pela produtora Allegro Discos, intitulado *Vou Tirar Você Desse Lugar*. Nomes como Pato Fu, Paulo Miklos, Zeca Baleiro, Leela, Mundo Livre S.A., Picassos Falsos etc. mostraram suas versões para a obra de Odair.

Praça Tiradentes (2012) foi o próximo disco. O nome do álbum é uma referência ao local onde Odair ficava perambulando quando chegou ao Rio de Janeiro. Pelo selo de Zeca Baleiro, Saravá Discos, Odair compôs com o próprio Zeca a música “E depois volte pra mim” (inspirada no encontro que teve com a Raquel Pacheco, a “Bruna Surfistinha” no programa Altas Horas) e gravou “Vou sair do interior” do Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown e “Você tem me ensinado” de Chico César.

Em maio de 2013 o cantor foi uma das principais atrações da Virada Cultural de São Paulo. Num Theatro Municipal lotado, executou, depois de 36 anos, na íntegra e ao vivo, o álbum *O Filho de João e Maria*. Desta apresentação resultou no ano seguinte um especial no Canal Brasil, que rendeu um CD e DVD pelo selo Coqueiro Verde.

Pela Saravá Discos também foi produzido *Dia 16* (2014). 16 é o dia em que Odair nasceu. Na capa, encarte e CD ele lista tudo que aconteceu de importante no mundo nesta data. Destaque para “A moça e o velho”, que retrata a relação de uma mulher com um homem mais velho. O dedo na ferida da moral continuou certo.

No final do ano passado saiu *Gatos e Ratos*, de forma independente pelo selo Maximus. O rock ‘n roll vem embalado por um power trio: Odair no vocal e guitarra, Junior Freitas na guitarra, teclado, baixo e piano; Caio Mancini na bateria e percussão. Temas contundentes continuam em sua pauta, como uma polaroide do nosso momento conturbado.

Mesmo abordando desilusões e desencontros amorosos em diversas composições, Odair tem um casamento de mais de 30 anos com Jane e dessa união geraram os filhos Júnior Freitas e Raphael.

Assim é Odair José!

**“Um andar apressado
Um olhar tão distante
Um sorriso apagado
Uma tristeza constante
Um rosto sofrido
De alguém que muito viveu
Assim sou eu...”**

(Odair José/ David Lima, 1972)



DISCOGRAFIA

- 1970 – *Odair José* (CBS)
 - 1971 – *Meu Grande Amor* (CBS)
 - 1972 – *Assim Sou Eu...* (Polydor)
 - 1973 – *Odair José – en castellano* (Polydor)
 - 1973 – *Odair José* (Polydor)
 - 1974 – *Amantes – en castellano* (Polydor)
 - 1974 – *Lembranças* (Polydor)
 - 1975 – *Odair* (Polydor)
 - 1976 – *Odair Jose – en castellano* (Polydor)
 - 1976 – *Histórias e Pensamentos* (Polydor)
 - 1977 – *O Filho de José e Maria* (RCA Victor)
 - 1978 – *Coisas Simples* (RCA)
 - 1979 – *Odair José* (Continental)
 - 1980 – *Odair José* (Continental)
 - 1981 – *Viva e Deixe Viver* (EMI Odeon)
 - 1982 – *Só Por Amor* (EMI Odeon)
 - 1983 – *Fome de Amor* (EMI Odeon)
 - 1984 – *Eu, Você e o Sofá* (EMI Odeon)
 - 1985 – *Odair José* (EMI Odeon)
 - 1986 – *Odair José* (RGE)
 - 1987 – *Odair José* (RGE)
 - 1989 – *Odair José* (RGE)
 - 1990 – *Sem Saída* (Copacabana)
 - 1992 – *Odair José* (Copacabana)
 - 1993 – *Odair José* (Harmony)
 - 1994 – *Luz Acesa* (Warner)
 - 1996 – *As Minhas Canções* (Globo Polydor)
 - 1998 – *Lágrimas* (Bahamas)
 - 2002 – *Ao Vivo* (Globo Universal)
 - 2003 – *Uma História* (Polydisc)
 - 2004 – *Passado, Presente* (Gema)
 - 2006 – *Só Pode ser Amor* (Deck Disc)
 - 2012 – *Praça Tiradentes* (Saravá Discos)
 - 2014 – *O Filho de José e Maria Ao Vivo* (Coqueiro Verde)
 - 2015 – *Dia 16* (Saravá Discos)
 - 2016 – *Gatos e Ratos* (Maximus)
- (Não inclui coletâneas e compactos)





ODAIR JOSÉ, O SUBVERSIVO

por Renato Lauris Jr.

Em 19 de setembro de 1975, ao falar sobre Odair José, a jornalista Hildegard Angel, escrevia em uma das páginas do jornal *Última Hora*: “Na conjuntura atual de nossa música popular, é o único cara corajoso o bastante para contestar junto à classe C. A mais conservadora entre as classes. A mais apegada aos valores criados, tabus. A última a deixar cair os preconceitos. E é nessa classe que Odair José vende seus discos”.¹

Ele era o músico apreciado pelos pedreiros, padeiros, empregadas domésticas, entre outras categorias do mundo do trabalho. Em suas canções (ou crônicas sociais) cantava a realidade que rodeava estas pessoas, a realidade vivenciada por seus ouvintes, motivo que o levaria a ser observado e cerceado, limitado e censurado pelos repressores que se encontravam no governo nos anos de chumbo, na década de 1970. Se Odair se mantém um severo crítico da influência conservadora na sociedade e na

música brasileira, é algo que não vem de hoje: acompanha o cantor durante toda sua trajetória.

Talvez seja um texto muito longo para um fanzine, mas aqui busco apresentar algumas canções que podemos considerar subversivas no repertório de Odair José. Subversão esta que não se limita apenas a censura direta ou indireta, mas também a questões comportamentais, solidárias e experiências. Na produção do texto, para descrição dos fatos, foi dada prioridade às palavras do próprio compositor, já que ninguém melhor que ele para narrar sua própria história.

Chegada ao Rio de Janeiro: dos perrengues ao adentrar na rádio

Com grandes e inumeráveis sucessos nas rádios, o lado subversivo de Odair José passou meio que despercebido pelos historiadores e pesquisadores da música popular brasileira, sendo esta sua faceta lembrada só recentemente. Distante das grandes manifestações, como a Marcha dos Cem Mil, que contou com a presença de artistas como Chico Buarque, Edu Lobo, Vinícius de Moraes, entre outros, Odair justificou assim sua ausência: “Naquela época eu vivia dentro de um estúdio. Não que eu não estivesse preocupado com o que estava rolando, mas eu tinha que me preocupar com a minha vida pessoal. Eu corria atrás do meu trabalho. Por exemplo, o Chico Buarque tinha a casa dele, então era muito fácil pra ele participar da passeata. Mas eu não tinha aqui nem pai, nem mãe e nem casa pra morar. Então eu precisava batalhar pelo meu disco, pelo meu show. Eu não podia ficar muito enrolado com aquilo”.²

Oriundo do interior de Goiás, o cantor chega no Rio de Janeiro em meados da década de 1960, em busca de conquistar seu espaço no meio artístico. Vários perrengues e maus momentos passou, mas as dificuldades não abateram o jovem cantor. “Minha mulher e minha mãe não gostam que eu fale isso, mas fui garoto de rua no Rio de Janeiro. Dormi debaixo de ponte, dormi em marquise, em escadarias de teatro, essas coisas todas”.³ Nas andanças pelas ruas cariocas, entre as pessoas que foi conhecendo e as novas amizades que surgiam, acaba tendo a compreensão e simpatia do músico Ataulfo Alves, que o acolhe em um pequeno apartamento. Perrengues e momentos difíceis, mencionado em alguns versos de Odair, como na balada “Minha Juventude”: ***Já passei por certas coisas na vida / que nem mesmo morrendo vou conseguir esquecer / já vivi um ano em uma noite / tentando o meu medo desse mundo esconder // Na minha vida, durante esse tempo / tudo foi tão difícil / foi caminhada sem fim / andei a procura dos meus sonhos / e em cada sonho, deixei um pouco de mim...***⁴

Sonho perseguido, batalhado, a persistência, a labuta e o talento abrem as portas: o que era sonho começa a se realizar, com a gravação de um compacto em 1969, contendo a música “Uma Lágrima”, gravação essa de forma pioneira: “eu tinha um disco independente em 1969. Eu sou, talvez, um dos primeiros artistas que fez disco independente nesse país. Eu fiz num selo chamado Genial, que era uma editora musical do Rossini Pinto com sociedade do Roberto Carlos”.⁵

A partir desta gravação e o incansável desejo de divulgar seu trabalho e ser reconhecido artisticamente, o sonho do jovem músico começa a se materializar: “o disco não tinha no mercado. Foi-me entregue 250 compactos, só pra satisfazer o desejo do garoto que queria gravar um disco. Eu peguei esse disco e fui pras rádios do Rio de Janeiro, eu morava lá, e coloquei a música

¹ ANGEL, Hildegard. *Odair José, o contestador da classe C*, do jornal *Última Hora*, em 19/09/1975. Inserido em: Em ARAÚJO, P. C. de *Eu não sou cachorro não!* – 3º ed. – Rio de Janeiro: Record, 2002.

² Em ARAÚJO, P. C. de *Eu não sou cachorro não!* – 3º ed. – Rio de Janeiro; Record, 2002. p. 38.

³ Idem.

⁴ “Minha Juventude” (Odair José – Rossini Pinto) – LP *Meu Grande Amor* – CBS, 1971.

⁵ *O trovador da Luz Vermelha*. O Povo, entrevista realizada em 17/09/2012. Ver em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/paginasazuis/2012/09/17/noticiasjornalpaginasazuis,2921054/o-trovador-da-luz-vermelha.shtml>

entre as mais tocadas nas rádios”.⁶ A partir daí, em 1970, o contrato com uma grande gravadora e o decolar de vários sucessos e... problemas...

O cronista subversivo

No transcorrer dos registros historiográficos relacionados a música popular brasileira, Odair José e outros músicos que não agradavam, no início de suas carreiras, à classe média e ao público universitário, foram classificados de cafonas e, mais adiante, de bregas, título este repugnado por Odair José. “Esse negócio de rótulos, muitas vezes (ou na maioria das vezes) é de pessoas desinformadas. Eu não vou nem dizer de pessoas preconceituosas, é desinformada. E o negócio do brega, na verdade, é uma forma de chamar a música do cara de menor. E é um desrespeito ao artista e desrespeito a quem gosta do artista, porque esse negócio de gosto, malandro, você não pode ficar... Eu conheço um monte de gente que gosta, por exemplo, de Odair José e não gosta do Chico Buarque, ou vice-versa. Eu citei a mim e ao Chico, que eu adoro, que eu acho um dos maiores compositores do mundo, pras pessoas entenderem. Agora, ‘ah! O cara é brega!’, é uma forma de querer diminuir o trabalho e, no meu caso específico eu não gosto disso.”⁷ E avisa: “eu sou o pior brega do país, porque o que menos faço no show é aquilo que o cara vai ver o show quer ver. Eu digo aos contratantes que não me levem pra estes projetos, porque vão quebrar a cara”.⁸

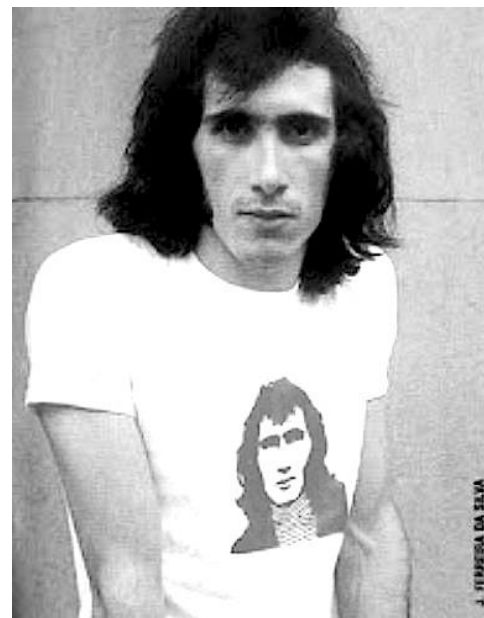
Cafona ou brega, rótulos musicais para classificar o mau gosto musical ou a música ruim, são termos execrados por Odair. Os críticos musicais e historiadores classificaram as letras destas músicas, junto com “sua péssima qualidade sonora”, como canções conformistas e de artistas temerosos da interferência externa em suas músicas, os livros escritos podem expressar isto, mas a vida, as vivências e as palavras do protagonista não: “o que as pessoas não sabem é que eu tinha problemas com a censura. Tive bastante. Fui o segundo autor mais censurado deste país, o primeiro é Chico Buarque. Eles achavam que eu era uma péssima influência para os jovens. Sempre mexi com a cabeça de pessoas jovens, eu sou um cara de quase 70 anos, mas que tem a cabeça de jovem. Meu público sempre foi mais Raul Seixas, mais Tim Maia, mais louca, mais de rua, de bar, eu não sou o cantor do conservador. Eles não gostavam de Odair José quando cantava a música da puta. Forçaram a barra, mas vendeu um milhão de cópias. Não cheguei a ser preso, mas fui chamado para receber sugestões, ou para me dizerem para não cantar esta ou aquela música. Mandaram cartas para as gravadoras, principalmente para a Polygram, sugerindo que não me gravassem, porque eu era péssima influência, com umas ideias que não tinham nada a ver com a sociedade brasileira.”⁹

Odair era, assim, tão contestador quanto os artistas apreciados e consumidos pelos intelectuais, pelo público universitário, pela classe média, tanto quanto Chico Buarque ou Gonzaguinha e Milton Nascimento. Provavelmente o público destes cantores eram senhores e senhoras da alta burguesia, detentores de empregadas domésticas, ou frequentadores dos prostíbulos. Talvez seja esse o motivo de terem riscado Odair José da lista de grandes músicos e tirado o mérito de seu talento. Mas, hoje, após abertura de documentos, depoimentos e a melhor análise de suas composições, Odair José pode ser reconhecido como uma grande pedra no sapato dos defensores da ordem pública e virtuosos protetores da moralidade e dos bons costumes, ou como lembra o próprio cantor: “O Chico [Buarque] censurado por causas políticas e eu pelas causas sociais”.¹⁰

A grande característica de Odair quanto às suas composições é que ele, assim como vários de seus admiradores, não se reconhece como um poeta, mas como um cronista musical, ou podemos até chamar de um cronista sociomusical: “eu escrevia mais o que eu via, do que sobre o que eu sentia”.¹¹

“Eu acho que sou um cronista musical. Porque é pegar o assunto da rua, as merdas que acontecem na vida das pessoas e trazer aquilo pra música. Aquilo que pode e que não pode, trazer o escondido das pessoas pra canção”.¹² Crônicas estas oriundas de suas aventuras iniciais no Rio de Janeiro, as vivências e experiências, o transitar “da vida entre a classe média e a vida de perrengues”, seria a influência maior na composição do cantor: “minha infância, quando eu morava com meus pais, foi uma infância tranquila, uma classe média tranquila. Quando eu fui pro Rio, eu sou goiano, fui tocar em inferninhos, bares, dormi em calçadas, morei na praia, eu vi a vida dessa maneira”.¹³

Como um antropólogo urbano, Odair registra em suas crônicas, a cultura e os costumes do povo, como uma reportagem musical, talvez o grande contratempo para os censores,



⁶ Idem.

⁷ Entrevista cedida a Danilo Gentili, no Programa The Noite, em 13/04/2015. Pode ser vista em: <https://www.youtube.com/watch?v=7ehpW72FWmc>

⁸ *Odair José lança Gatos e Ratos e recusa rótulo brega*. Jornal do Comércio Online. Entrevista realizada em 23/10/2016. Ver em: <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/noticia/2016/10/23/odair-jose-lanca-gatos-e-ratos-e-recusa-rotulo-de-brega-257802.php>

⁹ Idem.

¹⁰ Entrevista concedida à TV Jaguari, postado em 04/05/2013. Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=luFfoAfJx68>

¹¹ Entrevista concedida a Danilo Gentili no programa Agora é Tarde, em 23/06/2012. Ver em: https://www.youtube.com/watch?v=li3ql_LAwNQ

¹² *O Trovador da Luz vermelha*. Idem.

¹³ Entrevista concedida à Quadra Cultural em março de 2011, Curitiba/PR. Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=vkIHhou6S8>

narrar o cotidiano e as ocorrências das camadas sociais mais baixas, provavelmente este tenha sido o grande agravante.

Vou tirar você desse lugar

No início de 1972, Odair José grava a música que Dorival Caymmi classificou como uma das poesias mais lindas, dedicada às moças de vida fácil: “Vou tirar você desse lugar”. “Certa vez, no camarim de um show da Nana, Dorival bateu aquela mãozona gordona sobre meu ombro e falou: ‘Odair, eu sou apaixonado por aquela sua canção que diz eu vou tirar você desse lugar. De todos nós compositores, você foi quem melhor descreveu a história da puta’”.¹⁴ Balada esta, composta sobre atenta observação de Odair: “o que as pessoas faziam na verdade, ir a boate (que hoje é chamado de *happy hour*), a pessoa senta e toma um drink. E eu escrevi essa música, justamente porque trabalhei muito em boates no Rio. Então, eu assisti, eu vi muitas vezes, o cara ir para tomar um drink, depois volta com a intenção que já conheceu uma pessoa e termina tirando a moça dali, casando com ela, eu vi muito isso”.¹⁵

Com o lançamento deste compacto, Odair atinge a venda de 1 milhão de cópias, num país em que existiam apenas 400 mil vitrolas. Com os versos em que Odair saúda a prostituta, mas repudia a prostituição, ou como ele próprio expressou em entrevista recente, novamente execrando o termo brega: “Rock ’n roll é o cara casar com a prostituta, brega é o cara transar com a prostituta e casar com a virgem”.¹⁶

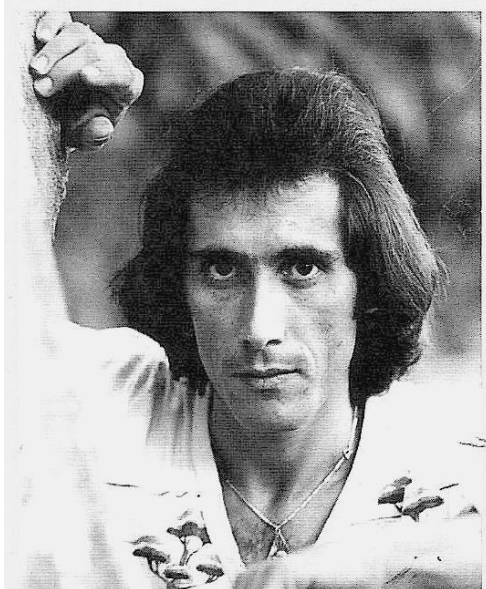
Em nova entrevista em outro programa televisivo, Odair lembra que a má interpretação dos versos do refrão desta balada, além da visibilidade da prostituta, foi o abre-alas para os problemas com os guardiões da moral e bons costumes. “Meu primeiro problema com a censura vem daí, porque a frase ‘Eu vou tirar você desse lugar’, já não soava bem para eles, é uma coisa muito engraçada, ‘Eu vou tirar você desse lugar...’ [cantarolando], o cara já achava que estava se referindo ao governo, a quem estava no poder, quando na verdade era uma prostituta, eu vou tirar você daí...”¹⁷

Amor livre

Mesmo alegando que a má interpretação dos versos de “Vou tirar você desse lugar” ser o início de seus problemas com o sistema vigente, os olhares vigilantes dos defensores da moralidade e dos bons costumes já miravam Odair José em 1971. Os versos da balada “Vou morar com ela”, canção em que o músico rompe com as tradicionais relações afetivas dentro do casamento, em que expressa a possibilidade de um amor sem frescuras, um amor real, sem a necessidade institucional.

“Mas eu gravo uma faixa chamada ‘Vou morar com ela’ [parceria com Rossini Pinto], que era uma coisa atrevida. Os compositores da época falavam daquele negócio de ‘eu te daria o céu’ e eu vinha mais da noite carioca. Meu negócio era mais de boate, do Lupicínio Rodrigues, Ataulfo Alves. Por isso eu falei que falo mais das merdas das pessoas, das dores, dos amores reais. As pessoas já estavam fazendo sexo e os compositores não falavam disso. Falavam que beijava na boca e ia pra casa. Isso não era verdade”.¹⁸ Morar, estar junto, em companhia da pessoa amada, sem a necessidade de um casamento, seus versos contam os sentimentos amorosos, o espanto e os conflitos com as pessoas que rodeiam o casal:

Odair José, compositor e cantor romântico,



O meu amor / foi aumentando / cresceu demais / e uma hora por dia / já não resolve mais // Quando fico sozinho / me desligo de tudo / não sei o que faço / só me sinto feliz / quando estou em seus braços // Não suporto mais viver longe dela / não aguento mais / eu vou morar com ela // (...) Todo mundo acha que eu não devo ir / minha família pensa até que eu enlouqueci / que eu enlouqueci / Mas agora eu sei / Que mais nada adianta / Estou muito na dela / e por mais que me esforce / eu não vivo sem ela (...)¹⁹

Um Odair José ousado, violando as regras do estabelecido, desafiando o coro dos contentes, um músico questionando e expondo o invisível: “o que rolava antigamente na música popular brasileira era o romance no portão sob a luz do luar e eu vim falando de cama, de empregada doméstica, porque essa é a realidade. Eu não sou um cantor de sonhos. Eu sempre digo isso para as pessoas: não ouçam meus discos esperando ouvir sonhos: vocês vão ouvir a realidade. Então foi por isso que eu me

¹⁴ ARAÚJO, P. C. de *Eu não sou cachorro não*, p. 149.

¹⁵ Entrevista concedida a Ulysses Gaspar no programa História da Música, postado em 27/10/2010. Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=GO0m6KN6VaU>

¹⁶ Entrevista concedida a Danilo Gentili no programa The Noite, em 13/04/2015.

¹⁷ Entrevista concedida a Ulysses Gaspar no programa História da Música, idem.

¹⁸ *O Trovador da Luz Vermelha*. Idem.

¹⁹ “Vou morar com ela” (Odair José – Rossini Pinto) – LP *Meu Grande Amor* – CBS, 1971.

tornei um artista polêmico e a censura começou a me proibir”.²⁰

Censura essa que terá grande peso sobre Odair em 1973, na música “Em qualquer lugar”, que contendo versos como **Se você quiser / a gente pode amar / no meio deste mundo / em qualquer lugar / dentro do meu carro / parado em um jardim / debaixo do chuveiro / você sorri pra mim // (...) A gente ama até demais / e quando se tem um grande amor / em qualquer lugar a gente faz.**²¹ levaram a balada a ser totalmente vetada pela censura preocupada com a má influência desta sob a formação dos jovens. Com parecer de 29 de abril de 1973 justificava o veto: “é descritivo de atitudes e comportamentos alusivos ao desejo sexual”.²² [Veja esse parecer na primeira contra-capá]

Com a mobilização de advogado da gravadora Phonogram (dona do selo Polydor), que lançaria o LP contendo esta música, alterações na composição da letra, houve duas tentativas de recurso, visando sua permissão, mas ambas rejeitadas, sendo mantida a proibição, o segundo parecer afirmava: “a alteração foi considerada por nós irrelevante, face à permanência de atentado ao pudor e exaltação ao amor livre”.²³ Desta maneira, a música foi “engavetada” e gravada apenas em 1985, mas ainda com pequenas alterações em relação a composição original e com novo título: “Quando a gente ama”.

Em 1975, o cronista musical retoma o mesmo assunto abordado em “Vou morar com ela”, ou seja, as relações afetivas, amorosas, fora da instituição casamento, um amor entre duas pessoas, entre dois corpos, sem a interferência da Igreja ou de órgãos jurídicos, agora de uma forma mais direta, com a balada “Na minha opinião”, mais uma vez critica esse tipo de relação: **Na minha opinião, pra gente ser feliz / Pra que fique tudo bem, o importante é se entender / É preciso ter coragem e acabar com esta besteira / Fazer festa na esperança / que o amor dure a vida inteira / Na minha opinião / o importante é se querer / assinar papel pra quê? / isso não vai prender ninguém / eu conheço tanta gente / que pelas leis estão casados / na verdade nem se falam, dormem em quartos separados (...)**²⁴

Sendo um tema tabu para um regime político e uma sociedade conservadora, preocupada com os incidentes que desviariam o caráter e os bons costumes dos jovens, desviando-os das tradicionais relações conjugais com os votos sagrados da Igreja e a aprovação de um juiz, Odair em seus versos expressa o bom relacionamento, o amor, a boa convivência entre os envolvidos e reconhece também que há relações que não são duradouras, que não são eternas, só as vivências podem levar a uma relação perpétua e não um papel ou uma grande festa. Recentemente, em entrevista concedida a Danilo Gentili, no programa *The Noite*, falando sobre uma relação aberta, Odair é questionado como reagiria se sua esposa quisesse transar com outros cara. Odair, contrário aos pensamentos moralizantes e conservadores, responde: “Foi feita uma pesquisa, com pessoas ditas como sérias, professores, eu ouvi uma conversa dessa há um tempo atrás, que existe uma situação se pensando nisso. Que a situação casamento, a instituição casamento, ela só irá para frente se houver essa liberdade. A pessoa faz se quiser, mas tem que ter o direito de fazer. Mas não pode ser só o homem não, porque o homem há muitos anos, desde que o mundo é mundo, ele sai do trabalho transa com a secretária, passa num barzinho, faz um *happy hour*, aí eu fiz ‘Vou tirar você desse lugar’, (...) tem que valer para a mulher também, tem que ser igual. (...) Tá certo que falar é fácil, difícil é fazer e viver dessa maneira”.²⁵

Palavras de Odair José, que casado há 32 anos, defende e respeita aqueles e aquelas que compartilham o amor, praticam a relação aberta, mesmo reconhecendo não saber como reagiria ou se aceitaria ter uma relação assim.

De frente com o general

Outra música censurada no seu todo, novo embate com os censores Odair enfrentou em 1974, com “A primeira noite de um homem”, com a letra inspirada no título do filme homônimo, que teve esta tradução brasileira, que revelou o ator Dustin Hoffman. Em sua composição ocorre à descrição da ansiedade, o desejo, o nervosismo de um jovem em sua primeira relação sexual: **A primeira noite de um homem / é uma noite tão confusa / é uma noite tão estranha / (...) meu desejo era tanto / que eu nem sabia por onde começar / o meu corpo esquentava / eu tremia / nem conseguia falar...**²⁶

Com parecer de 26 de março de 1974, a música é vetada. Novamente, correria da parte jurídica da gravadora Phonogram recorre, tendo novo parecer, outra vez com o carimbo de vetada. Um mês depois, em seu parecer, a justificativa: “Trata de um assunto totalmente inconveniente” e “como a música é de índole popularesca e seria consumida por público jovem, torna-se ainda mais contraindicada sua liberação”.²⁷ A gravadora, temendo perder a música já gravada, viu como solução que o próprio Odair deveria conversar diretamente com os censores em Brasília e tentar a liberação da balada: “a empresa pensou assim: ‘vai lá, e o que eles apontarem de errado na letra, você muda alguma coisa’. Eu fui com essa intenção”.²⁸

²⁰ ARAÚJO, P. C. de *Eu não sou cachorro não*, p.57.

²¹ “Em Qualquer Lugar” (Odair José – Fernando Adour) – vetada pela censura. Inserido em ARAÚJO, P. C. de *Eu não sou cachorro não*, p.57.

²² Em ARAÚJO, P. C. de *Eu não sou cachorro não*, p. 57.

²³ Idem. p. 18.

²⁴ “Na Minha Opinião” (Odair José – Maxine) – LP *Odair* – Polydor, 1975.

²⁵ Entrevista cedida a Danilo Gentili, no Programa *The Noite*, em 13/04/2015.

²⁶ “A Primeira Noite de um Homem” (Odair José) – vetada pela censura. Em ARAÚJO, P. C. de *Eu não sou cachorro não*, p. 58.

²⁷ Em ARAÚJO, P. C. de *Eu não sou cachorro não*, p.58.

²⁸ Idem. P. 59

Estando em Brasília e com a influência, devido amizade antiga de Ardebal Guimarães, que para agilizar a ação, colocou Odair diante ao bruxo, o satânico Dr. Go, a eminência parda do governo, Golbery Couto e Silva²⁹, o chefe do Gabinete Civil: “ele não me recebeu porque aquilo era função dele. Ele me recebeu porque o [produtor] Aderbal Guimarães, que tinha estudado com ele, fez o intermédio. Ele nos atendeu por cinco minutos. Ele falou: ‘eu conheço um cara que pode te ajudar a liberar essa música’. O cara era o próprio Golbery (risos). E eu questionei [com o Golbery], ‘onde eu posso mudar a letra?’ Ele não gostou do meu questionamento e disse que o que estava proibido ali era a ideia. E eu questionei porque a minha ideia de um homem fazer sexo com uma mulher era proibido quando o Ney Matogrosso mostrava uma proposta no Secos & Molhados de andrógino, de homossexual. Ele não gostou da minha colocação e falou: ‘pois é, Aderbal, foi um prazer enorme.’”³⁰

Em resumo, mesmo com o esforço da gravadora e do artista, a canção “A primeira noite de um homem” manteve sua gravação proibida mas, ainda insatisfeito e desejando difundir seus versos, Odair tenta a última cartada, aproveitando a melodia da balada, fez alterações mínimas na letra e mudou o nome do título para “Noite de desejos”, contendo em sua composição a ansiedade, o nervosismo e o desejo de um jovem em sua primeira noite de relação sexual: **E foi então que aconteceu // (...) Eu tinha medo e não queria / mas meu desejo era maior // (...) Foi naquela noite a primeira vez / e eu nunca esqueci // (...) O meu corpo esquentava / eu tremia...**³¹ E, assim, a música foi enviada novamente para avaliação da censura. BINGO! Parecer favorável, a balada foi liberada sem cortes, e assim “Noite de desejos” ganha o lugar da censurada “A primeira noite de um homem”, no mesmo LP de 1974. “Eu enganei o general”³², gaba-se Odair José. Talvez o que mais preocupava os censores neste momento era o título da música, já que o conteúdo da composição se manteve, a ideia permaneceu. Vale mencionar que neste mesmo período, enquanto a perseguição aos imorais e aos violadores dos bons costumes era intensa, em Brasília, nas telas dos gabinetes, a atriz Sylvia Kristel exibia sensualidade e erotismo, através das imagens do filme *Emmanuelle*, mas ao povo em geral, era proibido estas imagens e versos sobre.³³

Tome a pílula com muito amor!

Apresentada ao mundo na década de 1960, a criação de pesquisadores estadunidenses, um símbolo da revolução sexual, a pílula anticoncepcional tem as suas primeiras unidades adentrando em terras brasileiras por meio das encomendas de algumas mulheres dispostas a substituir os antigos métodos anticonceptivos até então praticados, ou seja, a tabela, o coito interrompido, lavagens, cremes, preservativos etc.

Na segunda metade daquela década haviam sete laboratórios responsáveis para fabricação das pílulas no território brasileiro, mesmo com a proibição de estampar em suas embalagens a palavra “anticoncepcional”, sendo comercializadas como reguladores menstruais, já que a legislação vetava “anunciar processo, substância ou objeto destinado a provocar o aborto ou a evitar a gravidez”.³⁴ Desta maneira, numa sociedade carregada de uma densa carga moral e uma postura conservadora com forte apelo religioso, a pílula era um tabu até no círculo de amigos, como lembra Odair: “Naquela época, se você saísse com um casal de amigos e discretamente perguntasse: ‘olha, que pílula você está usando, porque a que minha esposa usa está dando tontura e tal’, a mulher de seu amigo ficava vermelha e você era tido como inconveniente. E quando você ia comprar um anticoncepcional para sua esposa na farmácia, se encontrasse uma vendedora no balcão, você não comprava. Ia a outra farmácia onde tivesse um homem para o atender”.³⁵

Devido a este tabu, foi sugerido a Odair compor uma música tratando deste tema. Em 1973 lança os versos de “Uma vida só (pare de tomar a pílula)”, numa época em que a pílula estava se popularizando, atingindo espaços nas páginas de jornais e revistas que apresentavam suas vantagens, Odair cantava no refrão **Pare de tomar a pílula / porque ela não deixa nosso filho nascer**.³⁶ Parecia soar moral um refrão com preceitos cristãos contrariando o método contraceptivo, mas isso acabou sendo imoral, aos defensores da moralidade e da ordem pública. “Quando lancei a música da pílula, a polêmica foi grande no Brasil inteiro e isso ajudou a música a pegar nas rádios”.³⁷ Momento inconveniente, a música é lançada no mesmo período que o governo militar brasileiro patrocinava a Sociedade Civil Bem-Estar Familiar, o BEMFAM, uma recém-fundada instituição de planejamento familiar no país. Orientada por órgãos estadunidenses e financiada com verbas estrangeiras, do governo federal e de entidade privadas, a entidade desenvolvia campanha de controle de natalidade entre as mulheres dos baixos estratos sociais,



²⁹ Vulgos mencionados no livro de Elio Gaspari, *A Ditadura Envergonhada* – Companhia das Letras, 2002.

³⁰ *O Trovador da Luz Vermelha*, idem.

³¹ Em ARAÚJO, P. C. de *Eu não sou cachorro não*, p. 59.

³² Idem

³³ Em PAIVA, M. R. & NASCIMENTO, C. T. *Meninos em Fúria*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016. P. 22.

³⁴ Em ARAÚJO, P. C. de *Eu não sou cachorro não*, p. 60.

³⁵ Idem.

³⁶ “Uma vida só (pare de tomar a pílula)” (Odair José – Ana Maria) – LP *Odair José* – Polydor, 1973.

³⁷ Em: MIRANDA, Igor. “Cronista musical”, *Odair José relembra problemas com censura na ditadura*. Ver em: <http://especializado.jor.br/cronista-musical-odair-jose-relembra-problemas-com-censura-na-ditadura/>

com intensa distribuição de pílulas anticoncepcionais e do DIU. Instaladas em várias cidades brasileiras, com maior quantidade na região norte-nordeste, eram fartas a distribuição de cartazes e panfletos com a mensagem “Tome a pílula com muito amor”.

“Eu não sabia do programa do governo, não estava informado”³⁸, assim Odair argumenta, lembrando quando, após 15 dias de circulação da música, ela ser retirada de circulação pela censura. A balada teve sua circulação vetada em todo território nacional, nas diversas formas de difusão e execução pública: era considerada uma afronta à campanha governamental para a esterilização das mulheres de baixa renda. “No ano de 73, eu vim a São Paulo fazer parte de um programa de TV. E quando eu cheguei aqui tinha dois caras da polícia, da censura, sei lá o que eles eram. Tinha um fardado e outro não, para dizer para mim que eu não poderia, a partir daquele momento, cantar a pílula em lugar nenhum do país. Porque o governo teria um projeto de distribuir pílulas anticoncepcionais no Brasil, em hospitais, para o controle de natalidade. A partir desse momento, tudo que era feito pelo Odair José, passou a ser proibido”.³⁹

Mesmo sob vigilância, era impossível não tocar o sucesso “Uma vida só” que, antes de ser proibida, teve uma ampla difusão radiofônica e grande aceitação popular, e como o artista canta o que o povo quer ouvir... “Eu tive muito problemas. Quando a (música da) pílula foi proibida, ela podia estar no disco, mas não podia ser tocada. Eu fui fazer um show no Espírito Santo, no pátio de uma faculdade e as pessoas pediram pra eu cantar a pílula. E eu, se estão pedindo, vou cantar. Quando eu terminei o show, tinha uns caras que me pegaram. ‘Você vai com a gente até o departamento da Polícia Federal’ e tal. E eu fui, eles passaram um documento e me fizeram assinar uns documentos dizendo que eu estava ciente que não podia. Às vezes eu ia até o censor explicar”.⁴⁰ E a repressão acabava por advertir o cantor, assim como ocorreu na cidade de Colatina, no Espírito Santo: “Eu fui levado num carro da Polícia Federal e chegando lá eles me disseram: ‘Pela trigésima vez queremos lhe comunicar que você não pode cantar a música da pílula, se cantar novamente vamos ter que retê-lo. Você está desrespeitando as leis do país’”.⁴¹ A censura da música não foi apenas em terras brasileiras, estendendo para toda América Latina, graças à intervenção de um grande laboratório farmacêutico, fornecedor dos anticoncepcionais, temerosos de ter queda nas vendas, devido à influência da canção de Odair José, tentou a compra da composição do cantor, oferta esta que foi negada. Aí tem início uma perseguição à arte de Odair, principalmente à “canção da pílula”, com o laboratório exercendo seu poder e influência sob a mídia. Ainda assim, Odair pensa em uma estratégia para tentar liberar a música, vendo esta como aliada da campanha governamental: “eu até cheguei a dizer para um censor, lá em Brasília, que queriam que a música fosse proibida, que seria mais fácil a minha música tocar na rádio, para que o programa do governo desse certo, porque ninguém sabia o que era a pílula e minha música era esclarecedora. Tanto é que proibiram a música, a música continua fazendo sucesso até hoje e o programa do governo faliu”.⁴² A música só teve sua circulação liberada a partir de 1979 em território brasileiro, mas vale mencionar que a influência dos laboratórios multinacionais, numa forte censura econômica, acabou vetando a circulação da música em quase toda América Latina, no período em que Odair começa a gravar em espanhol, buscando um sucesso internacional, a canção “La pilula”, não poderia ser cantada nesta parte do continente.

O anticlerical

Outro ponto polêmico de Odair José, seguindo sua perspectiva subversiva, é em relação ao tema da religião. Por algumas composições podemos notar um Odair anticlerical, um cantor que questiona a influência que o clero exerce sobre os indivíduos, um crítico da instituição Igreja, mas não um ateu: “eu sou cristão, não sou de igreja nenhuma. Porque eu acho que as religiões abrem a janela da verdade, mas põem uma cortina na frente. Depois eu não preciso de ninguém pra me dizer como é que eu tenho que chegar a Deus. Eu acredito na fé, mas não acredito em regras que levam à fé. Acho que Deus não precisa de conceito nenhum”.⁴³

O ceticismo religioso é cantado a primeira em vez em 1972, com os versos: ***Na sexta-feira Santa, eu lhe procurei / fui na sua casa, mas lá não lhe encontrei / saindo pela rua, falei com tanta gente / e dentro desse povo, você vive presente // Minha mãe dizia: “Filho pode esperar / Ele um dia volta e o mundo vai salvar” / Pra onde você foi? / Cadê a sua cruz? / Venha me dizer, quem é você Jesus?***⁴⁴. Um questionamento à instituição cristã, um embate à fé instituída, justificada pelo próprio cantor: “o que aconteceu com esse disco, em 1973, eu fui pra Roma, vi o Paulo VI e voltei de lá muito revoltado. Eu já tinha um pé atrás com esse negócio de igreja. Tanto é que a igreja já não gostava de mim por que em 1972, a pedido do André Midani, fiz uma faixa do disco ‘*Corações Profanos*’. Tinha o Gilberto Gil, o Chico Buarque, cada um gravando uma faixa. E eu gravei ‘Cristo, quem é você?’ Eles acharam aquilo um absurdo. Mas depois eu fiz uma faixa chamada ‘Os anjos’, que a própria Igreja Católica

³⁸ Entrevista concedida a Ulysses Gaspar (3ª parte) no programa História da Música, postado em 23/10/2010.

³⁹ Entrevista concedida à TV Trip, publicada em 11/05/2015. Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=cOtCzU4voRA>

⁴⁰ *O trovador da Luz Vermelha*.

⁴¹ Em ARAÚJO, P. C. de *Eu não sou cachorro não*, p. 64-65.

⁴² Entrevista concedida a Ulysses Gaspar (3ª parte) no programa História da Música, postado em 23/10/2010.

⁴³ *O trovador da Luz Vermelha*.

⁴⁴ A música “Cristo, quem é você” (Odair José – Silva Santos) foi gravada inicialmente no LP *Orações Profanas*, pela Philips, em 1972. Uma coletânea contendo cantores como Nara Leão, Jorge Ben, Chico Buarque. Posteriormente foi gravada no LP *Histórias e Pensamentos*, pela Polydor, em 1976.

usa nas missas até hoje e não sabe nem que é minha”.⁴⁵ Interessante notar que, mesmo quando Odair faz uma composição de acento religioso e tocada no interior da igreja, a mesma acaba por ocultar, ou “esquecer” quem é seu criador, ou mantém a regra “o passado lhe condena”.

Mas o grande atrito, o grande confronto com a Igreja e seus discípulos e suas carolas, ocorreu em 1977, em meio a guitarras e a influência da *garage rock* junto à filosofia oriental que resultou na gravação do disco *O Filho de José e Maria*, mais especificamente a música “O casamento”... “Eu tava lendo [o filósofo libanês] Khalil Gibran e ouvindo muito rock. Eu vou fazer um disco, com 20 músicas, onde cada música conta um momento da vida da pessoa, desde quando nasce até quando termina, seja a morte, seja o encontro da sua própria verdade, e vou botar o nome de *O Filho de José e Maria*. E eu começo casando um cara chamado José e uma mulher chamada Maria, que estava grávida. Na Igreja Católica você não pode batizar o filho de um amigo seu se você não for casado pela própria Igreja Católica. Então, se existe esse conceito, eu gostaria de saber em que igreja os pais de Jesus Cristo casaram, porque não me consta que tenha havido um casamento ali. Até por que a Igreja Católica foi criada depois. Então, eu caso Maria e José pra não pegar mal, por que ela iria dar à luz”.⁴⁶

Nos versos da música “O casamento”, além da ideia de casar Maria e José, é possível notar o autoritarismo do padre em relação aos fiéis, mais uma postura anticlerical demolidora da instituição Igreja: ***Sacristão! / Quem são essas pessoas sacristão? / O que elas querem aqui na minha igreja? / Vamos, diga-me! / Já passa da meia-noite / Vamos, diga-me! // Sacristão! / O que essas pessoas querem sacristão? / A igreja é minha, eu tenho que saber / Vamos, diga-me! / O que eles querem?***⁴⁷ O tom acusatório do padre sobre quem lhes procura, afirmar que a igreja lhe pertence, mostra o poder que um indivíduo exerce com a imagem sagrada e com o controle da fé dos seus fiéis. E, no seguir da canção, o sacristão apresenta o casal ao padre, ambos no aguardo de um filho, fruto do amor livre, que decidem corrigir o pecado, para não serem mal vistos socialmente: ***José nasceu em Belém e é carpinteiro / Maria é uma simples moça caseira / e hoje vão se casar / olhe bem seu vigário / há razões demais / pois não demora eles vão ser pais / e isso não pode esperar, não é?***⁴⁸

Interessante a fala de Odair, na época do lançamento do disco: “se o Pai escolheu José e Maria, que não eram casados, para que daquela união nascesse o Salvador, é sinal de que o casamento não é tão importante assim”.⁴⁹ Ao autoritarismo religioso e a crítica ao casamento contido em uma canção, soma-se a campanha para a aprovação da lei do divórcio, tão discriminado pela Igreja e pelos moralistas e seus defensores, isto custou um preço a Odair José. Sendo ameaçado de excomunhão por um padre de Campina Grande, na Paraíba, cidade na qual, após um show, Odair teve que sair escoltado por policiais para não ser linchado não pelo público, admiradores do cantor, mas por fiéis seguidores dos mandamentos religiosos.

Mas nem a ameaça de excomunhão, nem as tentativas de agressão física, calaram o cantor: “eu vou lutar para ter minha música tocada em todos os cantos do Brasil. Vou encarar o problema nem que seja mesmo excomungado como o padre me ameaçou”.⁵⁰ A excomunhão religiosa não ocorreu, mas a execração de execução de sua música nos meios de difusão foi severo, a música não tocava no rádio e muito menos televisão, afinal, num país católico qual rede de transmissão desejaria se indispor com a Igreja e provavelmente perder seu público? Resultado, o disco *O Filho de José Maria*, encalhou nas lojas. Sendo uma pedra no sapato do governo repressor, dos moralistas e agora da Igreja, mesmo vigiado e censurado, tanto oficialmente como indiretamente, Odair mantém em seu currículo suas composições nos nossos dias sem perder a contemporaneidade. “Dizem que o meu disco, o *Araçá Azul* (Caetano Veloso) e o *Urubu* (Tom Jobim) foram os três mais fracassados da história do disco. Mas o que acontece, de uns dez anos pra cá, eu chego nos shows e tem sempre uns garotões pedindo pra cantar alguma coisa do disco. Hoje eu canto três. Ainda vai chegar a hora que eu vou cantar o disco inteiro.”⁵¹



⁴⁵ *O trovador da Luz Vermelha*. Idem. Quando cita “Corações Profanos”, Odair certamente faz referência à coletânea *Orações Profanas*. A confusão de datas talvez seja ocorrência dos enganos da memória, pois uma longa trajetória torna-se difícil precisar datas, locais e nomes.

⁴⁶ Idem

⁴⁷ “O casamento” (Odair José) – LP *O Filho de José e Maria* – RCA Victor, 1977.

⁴⁸ Idem

⁴⁹ *Via Sacra*. Entrevista de Odair José à revista *Veja*, em 08/06/1977, inserido em: ARAÚJO, P. C. de *Eu não sou cachorro não*, p. 167.

⁵⁰ Entrevista de Odair José ao jornal *O Dia*, com o título “Quase linchado o cantor Odair José”, em 17/07/1977, inserido em: ARAÚJO, P. C. de *Eu não sou cachorro não*, p. 167.

⁵¹ *O trovador da Luz Vermelha*.



O terror das empregadas (?)

Era 1973, Odair José participava de um programa radiofônico, quando por alguns minutos, prestou grande atenção à leitura de uma carta pelo locutor. Tal carta continha reivindicações das trabalhadoras domésticas e relatava as dificuldades e preconceitos que as mesmas passavam no dia a dia. Após ouvir, atento, àquela leitura, Odair pediu permissão para usar aquela temática em uma nova composição, o resultado foi a balada “Deixa essa vergonha de lado”, canção que apresentava o estigma existente sobre a empregada doméstica, o subtrabalho que exerce e que a impede de se relacionar com rapazes de uma esfera social elevada, mesmo a relação casa grande e senzala presente, numa sociedade dita não escravocrata: ***Eu já sei que essa casa onde você diz morar / onde todo dia no portão eu venho lhe esperar / não é a sua casa // Eu já sei que o seu quarto fica lá no fundo / e se você pudesse fugir desse mundo / e nunca mais voltava // Eu já sei que esse garoto que você leva pra brincar / e que todo dia na escola você vai buscar / não é o seu irmão // Ele é filho dessa gente importante / e às vezes também é seu por um instante / apenas dentro do seu coração // Deixe essa vergonha de lado / pois nada disso tem valor / por você ser uma simples empregada / não vai modificar o meu amor.***⁵²

Após descrever a condição de dependência da empregada doméstica, Odair José utiliza do amor como forma de desmonte do preconceito social e da ruptura com a segregação de classes. E em suas lembranças, Odair fala sobre sua relação com a composição e a solidariedade as trabalhadoras do lar: “eu me mudei para o Rio de Janeiro por volta de 1966. E chegando fui dormi em banco de praça, dormi debaixo de marquise, dormi na praia e depois fui morar em quartos de fundos. E ao conviver com essas dificuldades todas, aprendi a gostar das pessoas que também dormem em quartos de fundos. Foi quando eu fiz a canção “Deixa essa vergonha de lado”, que conta a história da pessoa que convive com a família, mas não é da família, ou seja, a empregada doméstica, aquela secretária da casa que serve para dar banho nas crianças, serve para levar o filho à escola, serve para passar a roupa, serve para fazer a comida, mas não serve para casar com os filhos da gente. E isso é uma coisa que sempre me tocou muito”.⁵³

No mesmo ano de lançamento da música as domésticas conquistam o primeiro resultado de suas reivindicações, o então presidente, o general Emílio Garrastazu Médici, assina um decreto determinando que a partir daquela data o trabalho doméstico devia ser regido pelas normas da CLT e, como consequência de sua canção lançada em momento coincidente com as conquistas daquelas trabalhadoras e com a música apresentada em seus shows, Odair acabou por ser considerado o porta-voz das domésticas, no meio musical, e o título de “terror das empregadas”. Mais uma vez as palavras de Odair, lembram a época: “na verdade, o título não é nem da crítica, nem da imprensa. É da Rita Lee e do Paulo Coelho, que naquela música popular brasileira, não têm uma música ‘é a música popular brasileira’ [cantarolando], eles dizem ‘E o Odair José é o terror das empregadas’, que aliás foi muito oportuno na época. Porque a profissão da empregada doméstica não existia no Brasil como profissão, ela existia na prática, mas lá no documento não existia, não existia uma carteira de trabalho que registrasse uma empregada doméstica. E por meio dessa canção foi feito um show no Rio e outro em São Paulo. Alguns deputados participaram desses movimentos e quando foi levado ao Congresso um projeto para que existisse dentro do trabalho a classe operária chamada ‘empregada doméstica’, que até então não existia, e que agora mais recente, existe agora a faxineira, que vai três

⁵² “Deixa Essa Vergonha de Lado” (Odair José – Andreia Teixeira) – LP *Odair José* – Polydor, 1973.

⁵³ Entrevista concedida ao programa *A Vida, o Talento e a Arte* – Rádio Globo, em 08/11/1998.

vezes por semana, ela tem a carteira registrada. Até então não existia, não conseguiram pela minha canção, mas nós chamamos a atenção para isso também”.⁵⁴

Aqui temos um Odair José envolvido com a questão social, do trabalho, um agente solidário que, por meio de sua arte, denuncia as injustiças de uma parcela social e, quando questionado ainda hoje sobre o título de “rei do brega” ou “terror das empregadas”, faz um rápido resumo de sua trajetória e outros rótulos que lhe deram: “na verdade a letra da empregada, naquela ocasião foi feita no sentido de chamar a atenção para uma situação que era totalmente desrespeitada, não eram reconhecidas como funcionárias, que eram praticamente escravas das pessoas da casa. Quando você toca em um assunto, esses assuntos que incomodam a hipocrisia da sociedade, termina tendo essa barreira: o cantor da empregada, o cantor da prostituta, o cantor da pílula, aí vêm esses apelidos. Eu nunca fui o cantor da empregada. A empregada nunca gostou do Odair José. Naquela época você nunca entrou num quarto de empregada e encontrou uma foto do Odair José e eu estava em todas as revistas do país”.⁵⁵

Outra balada de Odair, na qual podemos perceber sua aproximação com os trabalhadores e seu toque de solidariedade é “Vida que não para”: ***Vida que não para / máquina que voa / quanta gente andando à toa / coração de ferro / mente de metal / nasceu no espaço sideral // Conte comigo / sou seu amigo / pode confiar em mim / não tenha medo / não faça segredo / pois a vida não é assim / você que pensa que o mundo é quadrado / você que pensa que o amor não existe / você que acha que anda tudo errado / por causa disso é que está sempre triste // Gente bem de vida / povo da favela / casa que não tem janela / mundo sem prazer / noites de agonia / quem levou minha alegria?***⁵⁶

O que chama a atenção nesses versos é a relação do homem com as máquinas, a frieza e a falta de perspectivas que estas exercem sobre o indivíduo, e Odair desconstrói esta ausência de possibilidades, novamente com a ideia da solidariedade, agora através da amizade que é uma derivação do amor.

Finalizando

Muitos outros temas polêmicos acompanham as composições de Odair José, a apologia ao consumo de maconha em “A viagem”, em tempos de contracultura, de perseguição e vista grossa sobre seus consumidores, sendo que no cenário musical acarretou a prisão de Gilberto Gil e a vigilância sobre o grupo Doces Bárbaros, a solidariedade a reivindicação dos direitos homossexuais, numa sociedade militarizada e, assim sendo, masculinizada, acabou resultando na censura da balada “Desespero”⁵⁷, vetada sob alegação de difusão da homossexualidade, uma prática considerada antissocial para os militares e moralistas. Na canção “Forma de sentir”, sua contribuição ao Movimento de Liberação Homossexual no Brasil, que surgiu em 1977, e assim colaborando com a visibilidade deste coletivo.

Odair José seguiu sua carreira num embate cultural e musical contrário aos padrões conservadores e moralistas que paralelamente o acompanharam em sua carreira, mantendo até hoje esse viés libertário e o fervor *rock 'n roll* em sua arte, preservando suas músicas ouvidas e solicitadas em seus shows, e assim, com conhecimento de causa, se torna um feroz crítico da música popular brasileira contemporânea. “Eu acho assim, a música do Brasil, o compositor brasileiro ele é muito talentoso, mas o que eu vou falar aqui, não é para ofender ninguém, inclusive eu quero ser uma alternativa. Estou fazendo um disco, eu faço um disco, tipo *Gatos e Ratos*, como *Dia 16*, eu faço um disco, sou eu e minha banda. Eu de guitarra, mais um guitarrista, um baixo, bateria e um teclado, é assim que eu me apresento no Brasil. Eu não carrego orquestra, e tipo uma banda, ou como dizem, é uma banda de rock, eu quero ser uma alternativa, justamente por isso. O compositor brasileiro, ele tem talento, mas ultimamente, me desculpem os ouvintes se acharem que estou sendo pretensioso, me desculpem, mas os músicos ultimamente estão deixando a desejar, o compositor está fazendo música para durar 15 dias ou para durar 2 horas, o compositor tem a responsabilidade de fazer coisa melhor. Eu pelo menos, eu com 68 anos de idade, estou cantando para o jovem, faço música pra jovem, música pra pessoa jovem de cabeça, jovem de corpo. Eu não gosto de gente antiga, este pensamento antigo, conservador: ‘ah, aquele cara... isso pode, isso não pode...’ de gente conservadora eu estou fora! Eu sou uma pessoa que escreve pra gente de cabeça jovem. E o seguinte, o compositor tem a obrigação de fazer música de qualidade, e me desculpem, mas isso eu não estou vendo na música popular brasileira com muita frequência não!”⁵⁸

E Odair avisa não ser necessário a complexidade na produção sonora das canções, mas a metodologia do velho e bom *rock 'n roll*, o que muito lhe influenciou em seus arranjos e melodias. “A coisa mais difícil que tem é fazer música simples, se você pegar uma música de três acordes, uma música simples de quatro acordes. Uma vez perguntaram ao Paul McCartney porque, como é que mulher dele ia tocar com ele se ela não era música, ele falou: ‘Eu faço música de quatro acordes, qualquer pessoa toca!’

⁵⁴ Entrevista concedida a Ulysses Gaspar (3ª parte) no programa História da Música, postado em 23/10/2010. A música de Rita Lee e Paulo Coelho que Odair se refere é “Arrombou a festa”, contendo o refrão “O Odair José é o terror das empregadas / distribuindo beijos / arranjando namoradas”, consta no LP *Rita Lee – Som Livre*, 1977.

⁵⁵ Entrevista de Odair José concedida a TVTrip, em publicado em 11/05/2015, inserido em: ARAÚJO, P. C. de *Eu não sou cachorro não*, p. 322.

⁵⁶ “Vida que não para” (Odair José – Silva Santos) – LP *Assim Sou Eu...*, Polydor, 1972.

⁵⁷ “Desespero” (Odair José) – vetada pela censura.

⁵⁸ Entrevista concedida ao programa Alta Frequência, da rádio Nova Bayeux Web em 16/11/2016.

Agora, aqui no Brasil, você só é bom. Só é MPB se fizer uma com trezentos acordes. Eu convivi com o Tim Maia, e o Tim Maia, quando você fazia mais de quatro acordes ele mandava você parar, porque não serve e ele era um cara muito sabido”.⁵⁹

E o caráter subversivo segue, nunca abandonando seus princípios e observações, buscando espaços inusitados para difundir suas crônicas musicais: “pretendo cantar estas músicas que falam do preconceito contra o homossexual, contra a lésbica, na Avenida Paulista em cima de um caminhão, na passeata gay. A minha proposta, falar de coisa que ninguém quer falar. Não vou cantar que estou com saudades, com saudades de um amor, para alguém ouvir tomando uma latinha de cerveja. Tenho que falar das coisas que incomodam, do que está sendo escondido do povo brasileiro, chamar atenção das pessoas sobre determinadas coisas. Sempre fui assim. Com *O Filho de José e Maria* também era assim. Com a pílula também era assim. Você não sabe o problema que a pílula me causou. Fui ameaçado de não gravar no Brasil por causa desta música”.⁶⁰

Ainda bem que Odair José continuou gravando suas músicas e conquistando novas e novos fãs, ampliando seu público e assim seguimos ouvindo e curtindo suas crônicas subversivas e seu som *rock 'n roll*.



Odair e uma turminha da pesada: Maria Bethânia, Luiz Melodia, Caetano Veloso, Gal Costa e Nara Leão.

⁵⁹ Entrevista concedida a Danilo Gentili no programa *The Noite*, em 13/04/2015.

⁶⁰ *Odair José lança Gatos e Ratos e recusa rótulo brega*. Em *Jornal do Comércio* online, entrevista realizada em 23/10/2016.

© FILHO DE JOSÉ E MARIA

por Jean Marim Santos



PREÂMBULO

“Já nem sei há quanto tempo...” O meu primeiro contato com a arte de Odair José se deu na primeira infância (por volta dos 4 ou 5 anos de idade). Na época, eu cantarolava o clássico “Uma vida só (pare de tomar a pílula)”, horrorizando os ouvintes – não porque eu cantasse mal – que inquiriam minha mãe: “como a senhora deixa ele cantar essa música indecente, com essa letra imoral?”

Eu quis “ser John Lennon um minuto só”: já fiquei triste com as “minhas coisas”; já “comprei uma revista proibida”; já perguntei “Cristo quem é você? ”; já vivi “a noite mais linda do mundo” e, por vezes, penso que “o que existe na vida são momentos felizes”.

Considero Odair José um grande cronista de realidade urbana... Que retrata com simplicidade a vida de pessoas comuns e “na minha opinião” ele sempre foi rock ‘n roll puro. Por isso, “dê um chega na tristeza, dê um fora na saudade e aproveite a vida”!

UM ÁLBUM POLÊMICO NUM ANO POLÊMICO: 1977

Sim, *O Filho de José e Maria* nasceu em meio à ditadura militar no Brasil em pleno governo Geisel. Odair já tinha conhecimento de causa em canções que incomodavam a igreja católica e a censura, e também já havia feito letras abordando a sua visão teológica como “Os Anjos” e “Cristo quem é você?”, sendo que a segunda deixou a igreja bem irritada com versos como: ***Na sexta-feira Santa / eu lhe procurei / Fui na sua casa / mas lá não lhe encontrei // Saindo pela rua / falei com tanta gente / e dentro desse povo / você vive presente.***

Não pretendo fazer uma abordagem teológica (pois isso fará parte de um outro trabalho no futuro), mas apenas expressar minhas observações sobre a qualidade das letras e músicas desse álbum.

A primeira vez em que eu escutei foi num K7 em 1987 (primeiro anista de Relações Públicas) com a intenção de fazer um trabalho sobre signos e linguagens porém, devido a péssima qualidade de gravação, acabei escolhendo outro objeto para o trabalho. Em meados dos anos 1990 (93/94) tive a oportunidade de ver o Odair ao vivo pela primeira vez e aquilo reacendeu o desejo de voltar a ouvir suas canções com mais dedicação e conhecer melhor o seu trabalho. Em 98 ele apareceu numa apresentação da Banda Vexame onde, inclusive, eles executavam algumas de suas canções. Em 1999, já iniciando o curso de Teologia, ouvi pela primeira vez, via internet, *O Filho de José e Maria* com uma boa qualidade e, no ano seguinte, comprei na rua, em Aracaju, um CD de MP3 do Odair que incluía esse álbum. Ali nasceu a ideia de fazer um trabalho sobre o disco e outras canções populares de cunho teológico.

Com quase 30 anos de idade e com oito discos bem-sucedidos (apesar da censura, ele vendia muito) Odair tinha novos e ousados planos para um novo álbum. Pensando em algo mais pesado e com uma temática conceitual; influenciado por Peter Frampton e buscando sair da linha tradicional de gravação dos seus discos anteriores, montou o projeto, uma banda e apresentou à sua gravadora (Polydor) que o recusou, principalmente pelo tema: uma adaptação

para os dias atuais (anos 1970 , no Brasil) da história do filho de José e Maria. Resolvido a levar seu plano adiante, ofereceu-o à RCA Victor que o aceitou, com ressalvas.

Nada de álbum duplo. Seria simples e, depois de negociações a respeito da banda que o acompanharia nessa empreitada, ficou assim: Don Charley – arranjos de cordas e metais, Jaime Alem – guitarra e violão, Hyldon – guitarra, José Lanforge – voice-box e harmônica, Robson Jorge – piano Fender Rhodes, Ivan Conti "Mamão" – bateria, Alex Malheiros – baixo e José Roberto Bertrami – órgão, clarinete e Arp. String .

Tudo certo, disco pronto. Mas empacou nas prateleiras, desagradou a Igreja, a censura, a mídia (afinal ele não fazia parte da esquerda festiva que lutava contra a ditadura, né?). Odair muda o foco da narrativa, nos apresentando um personagem perdido, em busca de um caminho e de um guia. Contrapondo a loucura e a lucidez e tornando uma história “santa” em popular. Pode ser a minha ou a sua história.

“Nunca mais” mostra uma pessoa que ressurgue depois de traumas e decepções e que diz “morri de tristeza pra viver de alegria...”. Convive com o seu passado, olhando pro futuro.

“Não me venda grilos” revela o amor de Maria e José, mostra José mencionando como esse relacionamento mudou sua vida e pede que Maria também aceite essas mudanças pois “Viver já pesa muitos quilos”.

Até mesmo os maiores amores tem problemas por causa dos ciúmes e “Só para mim, para mais ninguém” mostra os medos de um casal comum: o temor pelo fim do amor ou pela iminência de uma traição.

“É assim” apresenta alguém perdido, sem rumo e dá mostras que Odair não era “alienado”. Ele brada contra a opressão da ditadura, no trecho “Morrer ainda não é proibido” vemos a estrutura controladora de um Estado totalitário e, logo em seguida, nos convida à transgressão: “Que tal a gente tentar a sorte?”

O primeiro lado fecha com “Fora da Realidade”. É o relato, em meio a juras de amor, da vinda de um anjo e da revelação da gravidez. E Maria imaginando como será quando ela puder desfrutar do amor de seu esposo José.

Perco o sono imaginando / na verdade como deve ser // Uma noite em seus braços / isso sim é que é viver, é viver!

O lado dois abre com “O casamento” uma das músicas mais “pesadas” do disco, por sua polêmica, que levou Odair a ser execrado pela igreja. Sua narrativa, composta por um diálogo entre o padre e o sacristão. Um padre, autoritário, perverso, quase monstruoso e que se apresenta como dono da igreja e um casal que chega tarde da noite com a necessidade de um casamento às pressas devido ao adiantado estado de gravidez da moça. ***Sacristão! / O que essas pessoas querem sacristão? / A Igreja é minha, eu tenho que saber! / Vamos, diga-me! / O que eles***

querem? Mais adiante, o sacristão explica a necessidade desse casamento ser realizado às pressas.

José nasceu em Belém e é carpinteiro / Maria é uma simples moça caseira / e hoje vão se casar // Olhe bem seu vigário / há razões demais / pois não demora eles vão ser pais / e isso não pode esperar, não é? Outro detalhe: essa é a música mais longa do disco (6:02).

A canção “O Filho de José e Maria” relata o fim do relacionamento, o divórcio do casal. O ano de 1977 foi



o auge da discussão sobre a legalidade ou não do divórcio. E olha o Odair desafiando a Igreja de novo: não só por cantar sobre este tabu, mas também por incluí-lo dentro de uma história da Bíblia. Mostra o sofrimento do filho vivendo **seis meses na casa da mãe / seis meses na casa do pai / e nessa roda da vida, a vida vai.**

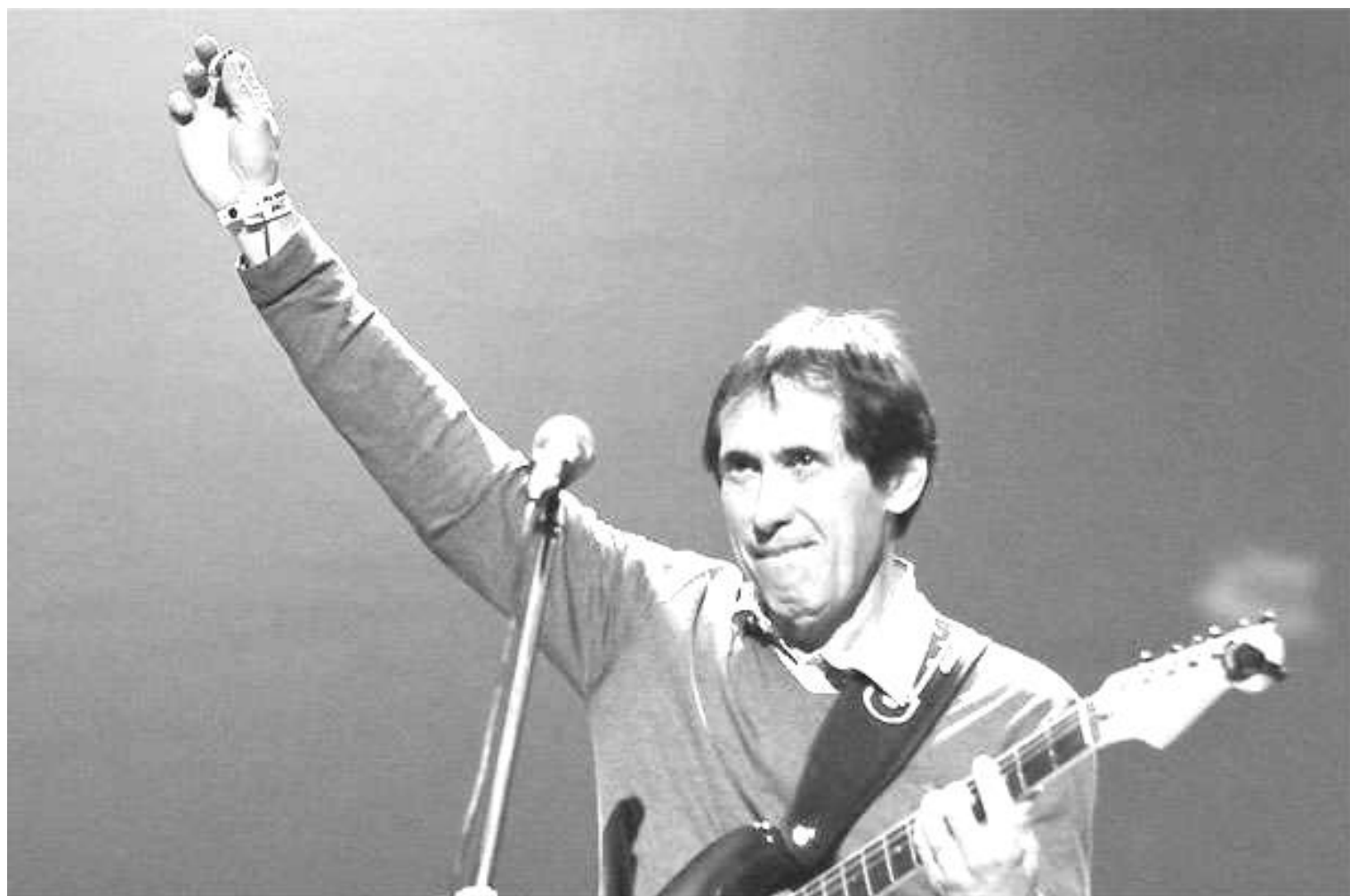
Todos nós já nascemos um pouquinho bandido / Todos nós temos no corpo um segredinho escondido / Pode ser que você não tenha ainda não vivido / o bastante pra entender o meu amor / Pode ser que você não tenha ainda não vivido o bastante / pra ver que o sonho terminou! Assim é a primeira estrofe de “O sonho terminou”. Não era essa a mensagem que o povo gostaria de ouvir de um “messias” que também se mostra desiludido com o Brasil de 1977 e consigo mesmo. Essa música é uma reflexão que aponta para sermos nós e assumirmos os nossos erros e acertos.

Em “De volta às verdadeiras origens” Jesus é mostrado na sua forma original, o messias que nos salva e acalenta; que sofre com nosso sofrimento e nos alerta para não guardarmos traumas do passado nem matarmos a esperança; que nos convida a estar com ele e nos reafirma que está conosco. “Todo mundo tem problema quando vive sem amor”.

A última faixa, “Que loucura”, a personagem central olha para as experiências de sua vida, seus traumas e memórias, observa o mundo à sua volta e questiona o valor da lucidez quando diz e repete “Mas que loucura a gente tem que viver”.

Além das letras e de toda a temática do álbum, a capa também causou impacto por mostrar o cantor, sem camisa, numa pose séria e com o nome do álbum em neon (uma alusão à iluminação dos letreiros usados nos “inferninhos” dos anos de 1970).

Na minha opinião esse disco é atemporal, muita coisa permanece igual e as igrejas continuam tendo donos... E a esperança por dias melhores e um mundo melhor ainda persistem.



Odair José durante a gravação do DVD *O Filho de José e Maria Ao Vivo* no Theatro Municipal de São Paulo, em 2014

ODAIR, O CARA DO ROCK



por Márcio Sno

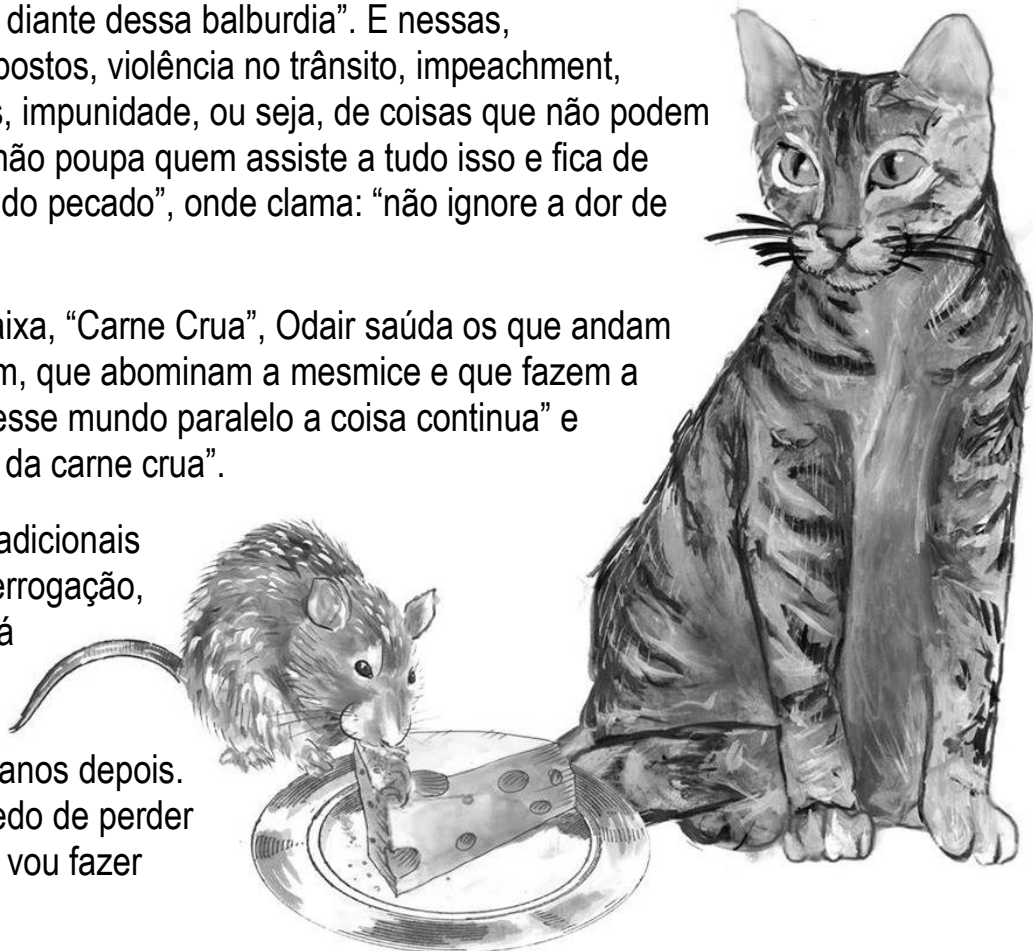
Ao sair do primeiro show de Odair José, em 2010, uma coisa ficou gravada na minha cabeça: esse cara deixa qualquer banda de rock no chinelo. A energia e qualidade empregadas em suas apresentações me surpreenderam muito, o que se repetiu nas outras vezes que o assisti ao vivo. Por isso, não fiquei surpreso quando o músico privilegiou a guitarras no disco *Dia 16*. Porém, com *Gatos e Ratos*, fui surpreendido com um disco temático e, claro, com muita guitarra.

Assim como a ópera rock *O Filho de José e Maria*, o 36º disco da carreira de Odair apoiou-se em um tema para a composição das músicas. Nessa oportunidade, o cronista social fala de política. “Gostaria muito que esse disco funcionasse como um despertador, porque a população brasileira está realmente adormecida”, disse ao jornal *O Dia*. Discurso de comunista? De coxinha? Não, sua fala segue sempre apartidária e cabe ao incomodado que coloque a carapuça.

O ataque principal é contra o neoconservadorismo que observa ser mais ácido agora que na época da ditadura: antes o governo que controlava as pessoas, hoje as pessoas estão se atacando e se controlando diretamente. Diante dessa situação, deu um tempo nos temas de amor, comuns em seus discos anteriores, para bater um papo sério com os brasileiros, como relatou ao site *O Tempo*: “Não posso simplesmente cantar ao sol diante dessa balburdia”. E nessas, é tiro pra todo lado: corrupção, impostos, violência no trânsito, impeachment, homofobia, crianças abandonadas, impunidade, ou seja, de coisas que não podem ficar debaixo do tapete. Também não poupa quem assiste a tudo isso e fica de braços cruzados, como em “A cor do pecado”, onde clama: “não ignore a dor de quem ficou só”.

Por outro lado, logo na segunda faixa, “Carne Crua”, Odair saúda os que andam contra a corrente, de espírito jovem, que abominam a mesmice e que fazem a coisa acontecer, alertando que “nesse mundo paralelo a coisa continua” e convida: “venha pra festa do bolo, da carne crua”.

É bem possível que os fãs mais tradicionais olhem esse disco com alguma interrogação, mas isso não assusta Odair, que já passou por isso e crê em uma situação parecida com o disco de 1977 que só foi compreendido 40 anos depois. O compositor também não tem medo de perder fãs antigos: “Estou com 68 anos e vou fazer





o que eu quiser”, disse ao *O Dia*.

Fã de Paul McCartney, sempre quis colocar guitarras em seus discos, mas sempre foi bloqueado pelos interesses das gravadoras que preferiam algo mais comercial e vendável. Agora, de forma independente, coloca em prática o que sempre quis: o disco é repleto de solos de guitarras e composições ácidas, como um bom rock costuma ser. Tanto que a faixa

“Cobrador de Impostos” foi inspirada em “Taxman”,

composta por George Harrison e lançada no disco *Revolver* dos Beatles. Nessa *vibe*, relatou à *Folha de S. Paulo*: “Não tenho paciência para fazer algo que não seja com guitarra, baixo e bateria. Vão ter que me aturar dessa forma”. Ou seja, é rock sem frescuras.

O disco foi gravado no estúdio Bunker, com a produção de Júnior Freitas e Conrado Rütter. A masterização foi realizada nos Texas, por Billy Stull no Masterpiece Mastering.

Ao contrário do que se fazia na década de 1970, quando as gravadoras contratavam orquestras para produzirem arranjos complexos, *Gatos e Ratos* contou com apenas três músicos: Odair José (voz e guitarra), Júnior Freitas (filho de Odair – guitarra, baixo, teclado e piano) e Caio Mancini (bateria e percussão). E foi suficiente para resultar em um grande disco.

E fica a ameaça: esse disco é o segundo de uma trilogia que se consolida em 2018. Que seja rock!

POR TRÁS DA CAPA

Em 1976 Odair queria lançar um disco sem o seu nome na capa, mas a Polydor não deixou. Quarenta anos depois ele torna isso possível, uma vez que a capa de *Gatos e Ratos* tem apenas ilustrações.

A arte da capa é de Roger Marx. Seu estúdio fica no complexo cultural Nimbus que aloja também o estúdio onde Odair ensaia toda semana. Pela proximidade, Roger tatuou os filhos e esposa do cantor. Com 35 anos, lembra que os pais sempre foram fãs de Odair José e o convite surpreendeu o artista: “Odair gostou muito de meu traço, disse que estava procurando algo no meu estilo para seu próximo álbum, fiquei muito honrado com o convite e com a oportunidade, esse tipo de trabalho faz valer a pena o próprio ato de trabalhar”. O trabalho começou quando estavam finalizado as gravações do disco e as artes foram produzidas em seis meses com aquarela e tinta de tatuagem.

A ideia da concepção da capa foi elaborada por Odair. “Ele queria algo simbólico, mas tinha uma boa interpretação pessoal de tudo, queria um rato comendo um pedaço de queijo com um gato apenas assistindo na capa, na contra-capa o gato ao invés de proteger o queijo se junta para comer, e ao abrir o CD vemos o prato vazio apenas com as migalhas”. Essa proposta é uma alegoria à política do país, no caso, o queijo é Brasil, o rato a população e o gato os políticos – que, ao invés de fazer algo para proteger, acaba comendo também. Mas os personagens podem ser facilmente invertidos. Resultado: um prato só com migalhas, com o que sobra do país.

Produzir a capa de um disco já um grande mérito para qualquer artista. “Mas a sensação de ver alguém que você admira com um trabalho seu é algo indescritível. É algo como fincar sua própria bandeira na lua”, declara Roger que tem sua arte no corpo de gente da pesada como Zach Stevens, Phill Anselmo, Scott Shiflett, Tracii Guns e Iggor Cavalera.

Então, a aposta antiga de Odair de uma capa sem o seu nome, mas com todo um contexto envolvido, deu muito certo. Só pra contrariar.

DÊ UM CHEGA NA TRISTEZA

UMA HOMENAGEM

Durante a produção desse fanzine, ocorreu de irmos além do papel e produzíssemos algo que conversasse com a publicação. Veio então a proposta de criarmos algumas releituras de clássicos do Odair José. Aí surgiu o nome da Nayara Konno que chamou Hegberto Emiliano e formaram o Duo Demodê. Dan Grasso gentilmente abriu as portas de seu estúdio Rota de Avião para perpetuarmos esse registro.

As canções podem ser desfrutadas por meio dos links ou QR codes. Aumente o volume e boa viagem!



EU, VOCÊ E A PRAÇA

Composição: Odair José
Disco: *Odair José* (1973)
Faixa: 3 do Lado 1
Gravadora: Polydor
Link: <https://url.gratis/bKYZz>

UMA VIDA SÓ (PARE DE TOMAR A PÍLULA)

Composição: Odair José e Ana Maria
Disco: *Odair José* (1973)
Faixa: 6 do Lado 1
Gravadora: Polydor
Link: <https://url.gratis/j8Mqi>



VOU TIRAR VOCÊ DESSE LUGAR

Composição: Odair José
Disco: *Vou Tirar Você Desse Lugar* (single - 1972)
Faixa: 1 do Lado 1
Gravadora: CBS
Link: <https://url.gratis/VZiqu>

CADÊ VOCÊ

Composição: Odair José
Disco: *Odair José* (1973)
Faixa: 5 do Lado 2
Gravadora: Polydor
Link: <https://url.gratis/w7jV1>



A NOITE MAIS LINDA DO MUNDO (A FELICIDADE)

Composição: Odair José e Donizette
Disco: *Lembranças*
Faixa: 6 do Lado 2
Gravadora: Polydor
Link: <https://url.gratis/zreqz>

Gravado no **Estúdio Rota de Avião** em 22 de Outubro de 2016.

Violão e Voz: **Nayara Konno**

Violão: **Hegberto Emiliano**

Operador de Áudio: **Dan Grasso** [dangrasso2002@yahoo.com]

PLAYLIST COMPLETA



soundcloud.com/duodemode/sets

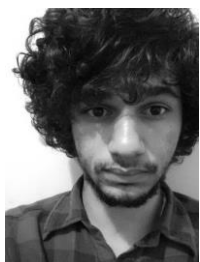
A CULPA É TODA NOSSA



Jean Marim Santos [redator], 48 anos, pai do Gustavo, marido da Sylvia e protestante.

Ama fanzines desde os fins dos anos 80. Fez alguns durante os anos 90 e está buscando produzir novos nesse novo século. Aprecia a música extrema e considero o Odair José, entre outros, um expoente desse tipo de música. Quer falar com ele? Caixa Postal 114 – Centro – SP/SP – 01030-970

[sonidosruidosyideas@hotmail.com]



Hegberto Emiliano [arranjo de violão], 22 anos, é ator, músico, e o que mais encontrar no caminho da arte.

Conheceu o trabalho de Odair José pelo convite da musicista e amiga, Nayara Konno, que o chamou para fazer algumas versões das músicas de Odair.

[hegberto.emiliano@gmail.com]



Márcio Sno [editor, redator, diagramador, manuseio], 42 anos, é zineiro, jornalista, educador, ilustrador etc. Diretor da trilogia de documentários *Fanzineiros do Século* *Passado*, autor do livro *O Universo Paralelo dos Zines* (Timozine, 2015) e já perdeu as contas de quantos zines já editou e participou. Embora conheça o trabalho do Odair desde criança, deve sua paixão ao Jean Marim, que o fez mergulhar de cabeça em sua obra. No seu setlist, Odair é vizinho de Nirvana e Operation Ivy – e convivem bem.

[marciosno@gmail.com]



Nayara Konno [arranjos de violão, versão das canções, voz], 24 anos, é cantora, compositora, musicista, atriz, jornalista e estudante de sonoplastia.

Conheceu o som de Odair José no musical "Eu Vou Tirar Você Deste Lugar" e descobriu que já havia escutado algumas das canções durante a infância.

[nayara.konno@gmail.com]



Renato Donisete Pinto [redator], 44 anos, é pedagogo, educador físico e zineiro. Edita desde 1990 o fanzine punk *Aviso Final* e é autor do livro *Fanzine na Educação* (Marca de Fantasia, 2013). É colaborador da revista *Raízes* com artigos sobre a história do futebol de São Caetano do Sul.

Conheceu a obra do Odair José nos anos de 1990 e descobriu o que é um verdadeiro discurso contestador.

[avisofinal@gmail.com]



Renato Lauris Jr. [redator], 43 anos, é professor de História na rede estadual de ensino, já foi caipira, urbanoide, caçara e retorna a ser caipira, edita o zine *SobreVidas* além de outras experiências zineiras. Aprecia nicotina e cervejas nos momentos vagos.

Redescobriu Odair José devido a matéria sobre sua carreira no período da ditadura e cansado de ouvir Zé Ramalho e Chico Buarque nas festas no período da faculdade.

[revsobrevidas@gmail.com]

REALIZAÇÃO



APOIO

